

Um Método de Pesquisa para a Análise de Narrativas de Professores de Matemática sobre seus Enfrentamentos Cotidianos

Anderson Afonso da Silva¹

Heloisa da Silva²

Formação de Professores que Ensinam Matemática

Resumo: Este texto visa apresentar o método investigativo utilizado em uma pesquisa de mestrado que buscou trabalhar com o cotidiano do professor de matemática, no que diz respeito aos seus enfrentamentos cotidianos. O estudo fundamentou-se acerca da noção de cotidiano, segundo a perspectiva de Agnes Heller. O objetivo deste trabalho é investigar os enfrentamentos cotidianos do professor de matemática e, a partir dessa investigação, verificar as possíveis influências desses enfrentamentos em sua prática pedagógica. A proposta de pesquisa foi conduzida a partir de entrevistas com professores sobre os enfrentamentos que conferem ao seu cotidiano e também sobre os modos como dão significados a esses enfrentamentos e tomam decisões a partir deles. A História Oral será usada como metodologia de pesquisa qualitativa, fundamentando os propósitos investigativos, a preparação, a elaboração e a análise de entrevistas com professores de Matemática do Ensino Médio. Deste modo, consideramos que o alicerce do nosso trabalho são as narrativas que foram documentadas a partir das entrevistas. Os resultados aqui apresentados versam sobre uma análise parcial das entrevistas em forma de narrativas das experiências narradas pelos três professores colaboradores.

Palavras-chave: Educação Matemática. Cotidiano. Enfrentamentos. História Oral.

1. Introdução

Este texto visa apresentar o método investigativo utilizado para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, que tem como objetivo registrar narrativas de professores de matemática sobre suas vidas cotidianas, investigar os enfrentamentos cotidianos desses professores e, a partir dessa investigação, apontar as relações desses enfrentamentos com suas práticas pedagógicas.

Nessa pesquisa, entendemos os enfrentamentos cotidianos do professor de matemática como sendo situações de ambientes humanos em constante transformação, envolvendo aspectos familiares, pessoais, lazeres, trabalhos, políticas, sempre alterados de acordo com cada indivíduo, ou seja, enfrentamentos envolvendo situações de determinado conhecimento, atividades rotineiras e trâmites escolares. Assim, entendemos que essas situações de enfrentamentos se traduzem em um movimento dinâmico, havendo uma

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática PGEM/UNESP - Campus de Rio Claro/SP. Email: anderafonso2@gmail.com.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, PEGEM/UNESP - Campus de Rio Claro/SP. Email: helodasilva@gmail.com.

reorganização das situações vividas por conta das escolhas cotidianamente apresentadas a esses enfrentamentos, que se faz e refaz na vida cotidiana, e que se reconstrói a cada dia, a cada momento na vida de determinado indivíduo.

O objetivo pode ser mais explicitamente apresentado nas seguintes questões que nortearam a nossa pesquisa: quais enfrentamentos o professor confere ao seu cotidiano? Como o professor “inventa” os modos para conduzir seu cotidiano dentro (e fora) da escola? Como o professor avalia situações que julga terem sido “um sucesso” em seu cotidiano escolar? Como avalia situações que julga terem sido “um fracasso” em suas propostas pedagógicas?

A partir dessas questões, pretendemos encontrar os significados que alguns professores atribuem para os enfrentamentos do seu cotidiano, tanto quando se prepara para suas aulas como quando estão em sala de aula, ou ainda no ambiente escolar ou fora dele.

Apresentaremos a estrutura de análises desenvolvidas (pré-análises) e em desenvolvimento (análise narrativa), produzidas a partir das entrevistas registradas com os professores colaboradores da pesquisa.

Neste texto, pretendemos apresentar uma descrição do método utilizado para a construção, realização e pré – análise dos roteiros de entrevistas.

2. Fundamentando a noção de cotidiano

Entendemos que, por intermédio desta pesquisa, seja possível encontrarmos significados que alguns professores atribuem para os enfrentamentos do seu cotidiano, tanto quando se prepara para suas aulas como quando estão em sala de aula, ou ainda no ambiente escolar.

No que se refere ao significado que atribuímos à noção de cotidiano do professor, realizamos uma revisão dos estudos envolvendo o assunto para, então, fundamentarmos o que pretendemos com a nossa pesquisa nesse sentido.

Em Gallo (2007), o conceito de cotidiano escolar envolve o conjunto das coisas e situações que acontecem na sala de aula e para além da sala, na instituição escolar como um todo. Para este autor, na escola não se aprende apenas na formalidade da sala de aula, mas também na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos que se dão no dia-a-dia da vida da instituição.

Por outro lado, Assunção (1996) afirma que o cotidiano escolar encontra-se impregnado de outros momentos sociais e entrelaça-se continuamente com eles. Isso faz com que o cotidiano seja muitas vezes orientado e vivido por meio de significados atribuídos a determinadas tarefas e comportamentos, assimilados e reelaborados nas relações estabelecidas, não só no espaço escolar. É no cotidiano, nas relações que se estabelecem entre os grupos, categorias, classes, raças que nascem as representações. O significado que atribuímos à noção de cotidiano em nossa pesquisa se aproxima muito do colocado por esse autor. Pretendemos ouvir os professores sobre as forma reorientam e reelaboram as tarefas e relações do seu cotidiano escolar, além de quais aspectos consideram nessas reorientações e reelaborações.

Quanto à noção específica de cotidiano, Heller (1989) argumenta que a vida cotidiana é a vida do homem por inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Justamente por esses aspectos ressaltados por Heller (1989) e Assunção (1996), que vemos importância em registrar os sentidos que os professores, cada um com sua vida dentro e fora da escola, dão para os seus enfrentamentos cotidianos, já que a partir de uma compreensão do significado que dão para suas experiências por suas narrativas, podemos dar sentido para suas práticas, demandas e relações no ambiente de trabalho desses profissionais.

Se o cotidiano da escola pode ser tomado como um conjunto de acontecimentos, ele nos coloca em prontidão, na medida em que não podemos, nunca, exercer absoluto controle sobre os acontecimentos. É nesse sentido que encontramos motivos para realização de uma pesquisa como esta, que objetivou a compreensão dos enfrentamentos de professores de matemática no cotidiano dos dias atuais, percebendo quais conjuntos de acontecimentos eles têm se encontrado e como neles têm tomado suas decisões perante esses.

3. O método como um processo de análise em movimento

A par dos propósitos investigativos, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu com a elaboração de um conjunto de questões com objetivo de indagar, por meio de entrevistas, professores de matemática da rede pública, que lecionam no Ensino Médio acerca dos seus

enfrentamentos cotidianos. Para tanto, realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, segundo os pressupostos metodológicos da História Oral na Educação Matemática.

Por ser a entrevista com professores o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa, a História Oral se mostrou como uma metodologia apropriada, já que visamos, também, o registro de narrativas de professores visando apresentar alguns enfrentamentos atuais de professores de matemática em seu cotidiano.

Para Garnica, Rolkouski e Silva (2006) para desenvolver uma pesquisa nos moldes desta proposta de estudo,

[...] é necessário raciocinar em termos de relações, e não mais em termos de individualidades “ligadas” umas às outras. “Ler” vidas de professores dentro desta perspectiva é considerar as relações que estes estabelecem entre pessoas que fazem parte de seu grupo, seja ele pessoal, profissional, familiar. É não concebê-los como pessoas simplesmente “ligadas” a outras, mas, sim, de observar as relações estabelecidas e as influências destas relações na constituição do indivíduo como um todo, e do professor de Matemática em particular (p. 8).

Como afirma Portelli (1997), a História Oral não trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo. O autor salienta ainda que:

A História Oral tende a representar a realidade não tanto como tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. (Portelli, 1997, p.16).

Tratando a História Oral como metodologia de pesquisa, Garnica (2002) ressalta que se apresentam algumas características que são apropriadas para uma investigação em Educação Matemática. Segundo o autor, os trabalhos inseridos em tal tendência, tendo como norte que o conhecimento histórico do passado é um processo inacabado e que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente; têm como preocupação geral retratar cenários que, baseados nas memórias expressas em testemunhos orais, dizem respeito à formação de professores de uma determinada época e localidade, ao cotidiano docente, à formação de grupos responsáveis pelo alicerçamento de movimentos, dentre tantos outros, com a finalidade de possibilitar a atribuição de significados e a compreensão das tramas constitutivas das práticas atuais.

Ao defendermos a história oral como uma metodologia, estamos a afirmá-la como uma ressonância entre pressupostos teóricos e procedimentos de pesquisa, ou seja, falamos de uma postura específica perante um conjunto de informações, ou ainda, perante sua construção. A história oral dialoga de forma muito próxima com a área da História por ser, em sua efetivação, uma possibilidade única de elaboração de fontes históricas e por possibilitar, na postura assumida perante fontes já constituídas ou agora elaboradas, a realçar a leitura de histórias distintas, de “verdades” plurais e co-existentes. (SOUZA e MARTINS-SALANDIM, 2007, p.2).

Assim, como também afirma Baraldi (2005), a entrevista é apenas uma etapa do projeto a ser desenvolvido sob a ótica da História Oral. Além disso, no GHOEM, intuí-se que as pesquisas têm uma tendência em realizar entrevistas que envolvam a história de vida do depoente – mesmo quando a pesquisa abrange um tema específico –, considerando-se importante a apresentação e análise de possíveis conexões entre as diversas experiências contadas pelo entrevistado.

Os estudos de pesquisas que mobilizam a História Oral como metodologia, nos fizeram compreender que a colaboração do entrevistado para com o entrevistador não, necessariamente, precisa encerrar em um único encontro e, sendo assim, mesmo havendo um roteiro de questões estabelecido - considerando o caso de uma pesquisa interessada em um tema específico - não há prejuízos à pesquisa, pois o momento da entrevista deve promover um ambiente em que o entrevistado tenha liberdade para falar sobre assuntos relacionados ao tema que, não necessariamente, estejam explícitos no roteiro do entrevistador, além deste, posteriormente, poder voltar a conversar com o colaborador com perguntas complementares, caso haja necessidade. Como afirma Garnica (2003),

a entrevista, portanto, ocorre num misto de igualdade e diferenciação: o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o depoente – e, conseqüentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa. (GARNICA, 2003, p.11).

3.1.) Procedimentos, contatos e análises iniciais

A pesquisa ouviu três professores de matemática da rede de Ensino Médio por meio de entrevistas, no sentido de compreender seus enfrentamentos cotidianos, o modo como

enfrentam as dificuldades e os sucessos em relação aos trâmites escolares, às burocracias, aos conteúdos, às cercanias da escola, à legislação, à (im) compatibilidade entre ser mãe/pai e professor, que dizem muito sobre esse profissional e seu ambiente de trabalho. Entendemos que são aspectos do cotidiano escolar que devem ser constantemente investigados, justamente para colaborar com a reflexão sobre os papéis que cada ator da educação tem a desempenhar nesse ambiente.

Diante das perspectivas que os professores colaboradores têm sobre o seu papel e suas práticas na escola, em entrevistas, apresentaram significados que atribuem para sua conduta tanto quando se prepara para suas aulas, como quando se relaciona em sala de aula com alunos e colegas, ou na escola com seus pares, além dos fatores e enfrentamentos que direcionam (ram) seu comportamento nessas práticas.

As entrevistas com os três professores deram-se seguindo um cronograma voltado a três momentos distintos com cada professor (a) colaborador (a), cada um deles preparado para um encontro específico. O primeiro desses encontros foi destinado à apresentação desse professor, com perguntas direcionadas à sua formação, trabalho e vida.

O segundo encontro teve, como direcionador, fichas/cartões com temas voltados a pontos selecionados a partir da primeira entrevista e, também, de uma revisão de literatura envolvendo temas relativos ao cotidiano de professores, configurando possíveis situações de enfrentamentos cotidianos desse professor de matemática. Nessa situação, o (a) professor (a) foi convidado (a) a escolher um cartão e falar na direção desejada; ao término de sua fala, se necessário, o entrevistador, direcionava a discussão com perguntas que abrangessem os questionamentos de interesses da pesquisa, que não tivessem sido mencionados pelo (a) entrevistado (a).

No terceiro e último encontro, foram apresentadas várias frases ao (à) entrevistado (a), recortes retirados das falas das duas primeiras entrevistas realizadas com o (a) colaborador (a), e também de referências bibliográficas³ e de documentos públicos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Ensino Médio (BRASIL, 1988) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do ano de 2001, abordando expectativas para com a prática do professor.

Desta forma, a entrevista com cada professor (a) colaborador (a) foi estruturada para acontecer em três momentos distintos. A estrutura descrita exigiu um estudo preliminar, antecedendo cada momento de entrevista.

³ MARRIEL, 2010; VASCONCELLOS, 1997; DEWEY, 1978, por exemplo.

A partir do estudo e definição das noções de enfrentamento, cotidiano e cotidiano escolar, foi constituído um primeiro roteiro de entrevista, visando à uma descrição, por parte do colaborador, de sua vida profissional e pessoal, sua trajetória do exercício do magistério e seus costumes rotineiros.

Assim feito, ao término da primeira entrevista com cada colaborador (a), e a par dos procedimentos metodológicos da História Oral, desenvolvemos uma pré-análise das narrativas áudio - gravadas, transcritas e textualizadas⁴. Envolvemos-nos no estudo dessa entrevista, analisando possíveis indícios de enfrentamentos que, segundo o nosso ponto de vista, foram relatados pelo (a) professor (a) colaborador (a). A ideia foi a de que tais indícios voltassem para o próximo roteiro, para serem argumentados com mais detalhes pelo (a) professor (a). Assim, o roteiro do segundo momento de entrevista foi constituído por indícios de enfrentamentos relatados na primeira entrevista, a partir de alguns temas que o (a) colaborador (a) comentou superficialmente, e de temas retirados do nosso estudo sobre enfrentamentos cotidianos de professores a partir de referências bibliográficas⁵ (por exemplo: Conteúdos Matemáticos; Legislação Escolar; Preparação de Aulas; Trâmites Escolares; Aulas; Relações Cotidianas Escolares; Educação Inclusiva; Educação Sexual; Indisciplinas; Relações Familiares; Violências e Avaliação) com a intenção de que nossos colaboradores argumentassem como, em seus casos particulares, tais temáticas, consideradas, ao nosso ver, como enfrentamentos cotidianos de professores pelos trabalhos acadêmicas, se dão em suas práticas ou não.

Conseqüentemente, outra pré-análise aconteceu, quando executamos procedimentos similares para a realização do terceiro e último encontro com cada professor (a). A partir de uma pré-análise dos depoimentos registrados a partir do segundo encontro, novamente, fizemos estudos envolvendo as temáticas abordadas na segunda entrevista, encontradas na literatura pesquisada, com vistas à retirada de recortes (frases), que fossem ao encontro de, ou de encontro ao discurso dos entrevistados. Estes, ao lerem os trechos indicados, eram convidados a relatar sobre o que tinham a dizer acerca do que ali estava escrito, concordando, discordando ou abdicando da fala, com justificativas. A ideia aqui, foi promover uma situação em que o (a) professor (a) colaborador (a) estabelecesse uma

⁴ Esclareceremos melhor esses procedimentos mais à frente.

⁵ ALBUQUERQUE 1991; ALMEIDA2005; CALDERÓN, 2008; FERRAÇO, 2008; GUIMARÃES, 2011, por exemplo.

comparação entre as expectativas das instâncias governamentais e de pesquisa para com os professores (de um modo geral) e aquilo que acontece em sua prática diária.

Diante das perspectivas que os professores têm sobre o seu papel e sua prática na escola, os colaboradores da pesquisa podem, por meio das entrevistas, apresentar os significados que atribuem para sua conduta tanto quando se prepara para suas aulas como quando se relaciona em sala de aula com alunos e colegas, ou na escola com seus pares, além dos fatores e enfrentamentos que direcionam (ou direcionaram) seu comportamento nessas práticas. Reconhecer como professores vivenciam ou enfrentam essas situações a partir de seus próprios pontos de vista, é distinguir os significados que elas têm para esses profissionais, perceber as manifestações daquilo que representa sua classe (a de professores) e daquilo que representa suas singularidades.

Durante as primeiras discussões, envolvendo os estudos que abrangem a região de inquérito do nosso trabalho – o lugar de trabalho (a escola), os lugares de descanso, de lazer, de vida desse professor, os costumes, a cotidianidade, os enfrentamentos – nos deparamos com uma gama de pesquisas que observavam e trabalhavam com o cotidiano escolar do professor de matemática – algumas dessas pesquisas relatam fatos específicos dessa região investigada – outras pesquisas, apresentavam pesquisas que foram desenvolvidas dentro da escola e que a partir delas foram focados pontos específicos do cotidiano escolar do professor de matemática.

A partir desses estudos, observamos que o que pretendíamos trabalhar se distanciava da perspectiva estudada, pois, nossa pesquisa procurava abarcar tanto os enfrentamentos do cotidiano escolar do professor, quanto os enfrentamentos do cotidiano de sua vida, de sua profissão. Assim, procuramos refletir sobre um método investigativo que conseguisse, por meio de encontros de entrevistas e roteiros específicos para cada um deles, ouvir e registrar o que esses professores colaboradores têm a dizer tanto sobre o seu cotidiano e enfrentamentos, como também o que têm a dizer sobre as expectativas que envolvem a prática de sua profissão e como elas se dão em sua prática.

Assim, organizamos entrevistas sobrepostas, divididas em três partes e desenvolvidas separadamente, mas seguindo uma estrutura analítica para a sua constituição. A constituição dos dois segundos roteiros se dava a partir de uma análise dos dados registrados na entrevista realizada previamente e um estudo literário.

Partindo da fala desses professores – fala inicial na primeira entrevista – pudemos fazer um mapeamento do que entendemos ser seus enfrentamentos e, com a estrutura

descrita anteriormente, conseguimos alcançar potencialidades desses trechos selecionados, ao serem indagados novamente ou ao serem colocados frente ao que diz a literatura sobre o assunto, de modo que o próprio professor pudesse analisar convergências ou divergências entre aquilo que se espera dele e aquilo que se dá, de fato e segundo ele, em sua prática.

Nosso objetivo com esse roteiro sobreposto foi ter uma aproximação ampla com a região de inquérito investigada num diálogo prolongado com esse professor de matemática sobre seus enfrentamentos cotidianos.

No que se refere à realização da entrevista, antes do início de cada gravação, prestamos esclarecimentos com relação à pesquisa e sobre a condução do trabalho. Além disso, cada professor recebeu uma carta de apresentação da pesquisa, que tem por objetivo manter a integridade do depoente. Para que as entrevistas ocorressem como planejado, mantendo a organização, os horários foram agendados de acordo com a disponibilidade de cada depoente.

Encerradas as entrevistas, iniciamos as transcrições. A primeira versão será literal, a segunda, utilizada para análise, deixará de conter os vícios de oralidade, adquirindo a forma do que é chamado, na História Oral, de textualização.

A textualização que, por sua vez, passa por um processo de legitimação pelo entrevistado torna-se, neste caso, um novo objeto – no sentido de que não se trata mais nem do que ocorreu no momento da entrevista, nem da transcrição do registro daquele momento – para o qual o entrevistado produz novos significados ao ler e sugerir alterações e acréscimos. A textualização (em seu desenvolvimento) pode ser vista, assim, como um processo colaborativo entre aquele que quer se fazer entendido – o entrevistado – e aquele que almeja produzir um texto com os pensamentos do outro – o pesquisador-entrevistado. (SILVA, 2010, p. 6).

De acordo com Silva (2010), ao textualizar as entrevistas, o pesquisador o faz com os olhos de quem analisa determinado(s) fenômeno(s) – isto é, busca responder determinadas questões, suas questões de pesquisa.

4. Sobre a análise narrativa e indicações sobre a análise do método

A análise das entrevistas se apresentará fundamentada na História Oral, através de uma *análise narrativa*. Segundo Garnica (2012), narrativa “é uma trama argumentativa na qual ‘alguém’ nos conta uma história, com determinadas personagens e situações, numa determinada sequência temporal” (p.12).

O mesmo autor apresenta duas formas de construir uma análise narrativa, a primeira “buscando nelas elementos comuns para que categorias sejam formadas e (re) interpretadas” (p.12), denominando-a como análise paradigmática, ou ainda, outra maneira, “destacando as singularidades de cada história, o modo particular com que cada narrador se mostra, ao narrar uma sequência de argumentos” (p.12), denominada análise narrativa de narrativas.

Durante a narrativa, produzida a partir das experiências narradas pelos professores colaboradores, pretendemos apresentar e discutir enfrentamentos atuais do cotidiano desses professores, trazendo à tona singularidades dos discursos analisados, particularidades nesses elementos – enfrentamentos cotidianos – registrados nos documentos orais, visando produzir contribuições para as reflexões e discussões sobre o papel, a formação e a prática do professor de matemática.

No que se refere aos procedimentos metodológicos colocados em prática nesta pesquisa, pretendemos, também num processo narrativo acerca dos nossos próprios enfrentamentos como pesquisadores, analisar as potencialidades trazidas pelo método para o alcance dos nossos objetivos.

Utilizando o método descrito anteriormente, de fazer entrevista sobrepostas e olhar para ela, para, posteriormente estarmos organizando o próximo momento da pesquisa, a partir dos estudos das referências bibliográficas e pré-análise das narrativas dos colaboradores, nos deparamos com potencialidades e dificuldades de utilização do método, a saber, uma grande quantidade de dados coletados e também uma aproximação do pesquisador com a região de inquérito investigada.

5. Referências

ASSUNÇÃO, M. M. S. **Magistério primário e cotidiano escolar** / Maria Madalena Silva de Assunção – Campinas, SP: Autores Associados, 1996. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.53).

BARALDI, I. M.; GARNICA, A. V. M. **Traços e paisagens: a educação matemática nas décadas de 1960 e 19701**. Bauru, SP: Canal 6, 2005.

GALLO, S. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, A. M. F. **Cotidiano escolar – emergências e invenção** / Ana Maria Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (orgs.) / Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, CEMPEM-Unicamp, Campinas, v.11, n19, pp. 09-55, 2003.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: cenários da formação de professores de Matemática no Brasil (AP 03). In: Profmat, 2002, Viseu – Portugal. **Actas**. Viseu-Portugal: APM, 2002b. 1 CD-ROM.

GARNICA, A. V. M. **Estacas em paisagens móveis: um ensaio a partir da narrativa de três professores de matemática**. In: TEIXEIRA, I. A, de C. **Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.

GARNICA, A. V. M. ; ROLKOUSKI, E. ; SILVA, H. . **Dois estudos em História Oral e Educação Matemática: contribuições para pensar a formação de professores de Matemática**. In: III Simpósio Internacional de Educação Matemática (SIPEM), 2006, Águas de Lindóia (SP). **ANAIS do III SIPEM**. Águas de Lindóia/Curitiba: SBEM - Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2006.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

PORTELLI, A. **The death of Luigi Trastulli, and others stories: form and meaning in oral history**. New York: State University of New York, 1997.

SILVA, H. **A História Oral como Instrumento no Desenvolvimento da Formação Inicial e Continuada de Professores de Matemática**. Projeto de Pesquisa. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

SOUZA, L. A.; MARTINS-SALANDIM, M. E. . **História oral e Educação Matemática: possibilidades**. In: IX ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática, 2007, Belo Horizonte. **Anais do IX ENEM- Encontro Nacional de Educação Matemática**, 2007. v. único.